

O Rap Br e Baco Exu do Blues nos holofotes: uma pesquisa exploratória a partir do conceito de legitimação¹

Ana Carolina VIRGINELLI²

Jaqueline Quincozes da Silva KEGLER³

Resumo

O objetivo do artigo é analisar o Rap Br e Baco Exu do Blues a partir dos conceitos de legitimação, embasado na perspectiva sociológica de Berger e Luckmann (1985). Juntamente com a Teoria da Legitimidade Cultural proposta por Bourdieu (2007), alicerçada nas relações de poder existentes no sistema dominante da cultura. O texto abrange, brevemente, a chegada do Rap no Brasil e estuda a arte do rapper e compositor baiano Baco Exu do Blues. A análise do seu segundo Ep “Bluesman”, melhor disco nacional pela Rolling Stone em 2018, permite a reflexão acerca de uma Cultura popular moldada pela representatividade e pela essência da comunidade preta. O conjunto da obra perpassa a intenção de libertar e reconstruir os moldes legitimados de cultura e identidade, driblando estereótipos.

Palavras-chave: Legitimação; Legitimidade Cultural; Rap no Brasil; Baco Exu do Blues; Bluesman.

Introdução

O presente artigo investiga o Rap como processo de legitimação, de maneira que, visa compreender os conceitos de legitimação, de legitimação cultural e analisar o Rap Br sob tal perspectiva. A metodologia aplicada é a pesquisa exploratória e a bibliográfica acerca do tema. O trabalho é estruturado em 3 seções. A primeira intitulada “Compreendendo o conceito de legitimidade” e essa têm o objetivo de corroborar os processos de manutenção da Ordem e do universo simbólico a partir dos conceitos de Berger e Luckmann (1985) em “A Construção Social da Realidade”.

A segunda seção é intitulada “Pressuposto da noção de legitimidade cultural” e tem o objetivo de reflexionar sobre como é dada a distinção e as nuances entre cultura erudita e cultura popular, principalmente, mediante o conceito de Legitimidade Cultural proposto por Bordieu (2007). Por fim, a terceira seção aborda o “Rap como processo de legitimação” e aponta eventos importantes do mesmo no Brasil, como o disco “Sobrevivendo ao inferno” (1997) dos Racionais MC’s e com a análise do disco “Bluesman” (2018) de Baco Exu do

¹ Trabalho apresentado na DT 6 - Interfaces Comunicacionais do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Graduanda do Curso de Comunicação Social Relações Públicas pela UFSM; e-mail: anavirginelli@gmail.com

³ Professora Adjunta da Universidade Federal de Santa Maria; e-mail: jaque.kegler@gmail.com

Blues. Sobre a história do Rap, a maioria das informações são da tese de José Carlos Gomes da Silva.

O estudo centrado no processo de legitimação desdobra-se em interfaces de representatividade, etnicidade, estereótipos, racismo e descentralização da produção cultural. Por conseguinte, temos a composição descrita.

Compreendendo o conceito de legitimidade

Em a Construção Social da Realidade, os autores conceituam que a legitimidade de uma cultura, é construída a partir de um universo simbólico, e este por sua vez, é a matriz de todos os significados socialmente objetivados e subjetivamente reais. Segundo Berger e Luckmann (1985), em A construção social da realidade, toda a sociedade histórica, toda a biografia do indivíduo singular e todas as situações marginais de sua vida (todas aquelas que não correspondem à realidade cotidiana) são abrangidas pelo universo simbólico.

Para os autores, a legitimação produz novos significados que servem para integrar os significados díspares já existentes em uma unidade institucional. Sendo assim, ela explica a ordem, através da validade cognoscitiva e seus significados objetivados, dando dignidade normativa a seus imperativos práticos.

Esta integração dos significados díspares está diretamente associada a plausibilidade, e a verossimilidade dos mesmos, contando, que primeiro, a totalidade da ordem institucional deveria ter sentido simultaneamente para indivíduos de diferentes processos institucionais. E, posteriormente, a totalidade da vida do indivíduo passado por distintas ordens, deve tornar-se subjetivamente significativa. À vista disso, nas várias fases institucionais, do processo de integração de significados de indivíduos singulares, deve acrescer-se um nível vertical ao horizontal de integrações e plausibilidade subjetiva da ordem.

Em outras palavras, a legitimação explica ao indivíduo que ele deve executar certas ações e se opor a outras, e o por que as coisas são o que são. O conhecimento dos papéis que definem, o que é uma ação correta e o que é uma ação errada na Instituição, precede a construção dos valores. Através de um tradição de explicações, embasada na história e numa sociologia da coletividade.

A legitimação, de acordo com Berger e Luckmann (1985), dispõe de níveis, os quais vou descrever adiante, fases as quais dão origem aos domínios simbólicos. O primeiro nível, legitimação incipiente, fundamentado no “conhecimento” evidente, é pré-teórico e pertencem

a ele as afirmações tradicionais da maneira como se realizam as coisas, como as primeiras respostas dos por quês das crianças.

O segundo nível de legitimação contém proposições teóricas em estágio inicial, são encontrados aqui esquemas explicativos, altamente pragmáticos e de significações objetivas. Como os ditados, as máximas morais, os provérbios, as lendas e as histórias morais.

Teorias explícitas aparecem no terceiro nível de legitimação, nas quais um setor é legitimado por meio de um corpo específico de conhecimento, aqui estão disponíveis quadros de referência amplos para respectivos setores. Devido sua completude e complexidade, esse nível é confiado a pessoal especializado, os denominados legitimadores, e transmitido para os demais indivíduos como processo de iniciação de formalizados. Alcançada esta classe, a legitimação, além de aplicação prática torna-se “teoria pura”, e conquista certo grau de autonomia em relação à instituição, assim pode gerar seus próprios processos institucionais.

Os universos simbólicos constituem o quarto nível do processo de legitimação, estes abrangem a ordem institucional em uma totalidade simbólica e integram diferentes áreas de significação. A natureza simbólica, diz respeito a tudo aquilo que não pode ser experimentado na vida cotidiana, exceto quando se fala sobre “experiência teórica”. A partir disso, a aplicação pragmática é ultrapassada de uma vez para sempre.

As objetivações sociais, definem mas não bastam para o quarto nível, pois a significação neste universo vai além das experiências cotidianas, do domínio da vida social, já que os indivíduos podem significar suas experiências mais solitárias. O universo simbólico tem função nômica, simplificado pelos autores “põe cada coisa em seu devido lugar”, no entanto, em momentos os quais o indivíduo encontra-se em situações de experiência marginal, fora da realidade da vida cotidiana, o universo simbólico o permite retornar para ela.

Conforme estudamos, o universo simbólico unifica todos os processos institucionais da sociedade, ou seja, da biografia individual e da ordem institucional, que passa a ganhar sentido. A Instituição e os papéis particulares são ordenados, portanto legitimados num mundo, agora, compreensivelmente dotado de significações.

Berger e Luckmann (1985), estudam os mecanismos conceituais da manutenção deste universo, que é objetivado como primeiro produto do pensamento teórico, o qual legitima a ordem institucional. Com isso, a teorização relativa é tida como um segundo grau de legitimação. Portanto, todos os níveis de legitimação da ordem, desde a incipiente até o

estabelecimento cósmico de universos simbólicos, são considerados mecanismos de manutenção deste universo.

De acordo com o processo anterior, de manutenção da ordem, também existem níveis de manutenção do universo simbólico. No entanto, conforme dito, é impossível categorizá-lo numa inserção pré-teórica, já que por si só o universo simbólico é um fenômeno teórico, requintado ou ingênuo.

Os autores explicam que quando surgem problemas na ordem, por exemplo, a fase de transmissão de um universo simbólico de uma geração para outra, ou quando uma sociedade defronta-se com outra que tem histórias completamente diferentes, emerge a necessidade de desenvolvimento de uma conceitualização conservadora. E, exige um mecanismo requintado:

É importante acentuar que os mecanismos conceituais da conservação do universo são eles próprios produtos da atividade social, assim como todas as formas de legitimação, e só raramente podem ser compreendidos separadamente das outras atividades da coletividade em questão. Especificamente, o êxito de particulares mecanismos conceituais relaciona-se com o poder possuído por aqueles que operam com eles. O confronto com universos simbólicos distintos implica um problema de poder, a saber, qual das definições da realidade em conflito ficará “fixada” na sociedade. Duas sociedades que se defrontam com universos em conflito desenvolverão ambos mecanismos conceituais destinados a manter seus respectivos universos. Do ponto de vista da plausibilidade intrínseca as duas formas de conceitualização podem parecer ao observador externo oferecer pequena escolha. Qual das duas ganhará, contudo, é coisa que dependerá mais do poder do que da engenhosidade teórica dos respectivos legitimadores (BERGER E LUCKMANN, 1985, p.142).

A obra estudada, apresenta que os mecanismos que mantêm os universos simbólicos, abrangem a sistematização de legitimações cognoscitivas e normativas. A primeira, presente na sociedade de modo mais ingênuo, e as normativas de modo imponente, por meio de construções intelectuais que explicam o cosmo. Portanto, existem diferentes mecanismos conceituais de conservação do simbolismo, e notáveis tipos de mecanismos na história, os quais seguem dada ordem: mitologia, teologia, filosofia e ciência.

Para nossos propósitos é suficiente definir “a mitologia como concepção da realidade que postula a contínua penetração do mundo da experiência cotidiana por forças sagradas” (BERGER E LUCKMANN, 1985, p.144). A mitologia representa a forma mais arcaica de manutenção do universo simbólico, e está mais próxima do nível ingênuo do mesmo, pois seu conhecimento, embora suplementado por especialistas, não difere muito do que é conhecido.

E para assegurar as pretensões monopolistas dos especialistas, o conhecimento deve institucionalmente ser de difícil acesso.

Segundo os autores, a maior distinção do mecanismo da teologia relacionado ao da mitologia, é seu maior grau de sistematização de teorias. Os conceitos teológicos, são a mediação do mundo dos humanos e o mundo dos deuses, diferente da mitologia, que opera na continuidade e junção desses pensamentos. Assim sendo, o pensamento teológico é mais difícil de adquirir e ininteligível para plebe.

Berger e Luckmann (1985) afirmam que a mitologia difere dos três outros mecanismos de manutenção do sistema, pois a Teologia, a Filosofia e a Ciência, tem seus corpos de conhecimento estrategicamente sob os cuidados da elite e seus saberes afastados da sociedade comum. Sendo, a ciência moderna, um passo extremo nesse sentido, pois de forma complexa faz a conservação do universo simbólico. A ciência afasta de vez a forma sagrada da vida cotidiana, retira deste mundo o conhecimento conservador do universo como tal.

Em dado ícone “A organização social para manutenção do universo” de A Construção Social da Realidade, os autores explicam que a mesma é socialmente definida e que indivíduos concretos e grupos definidos encarnam essa realidade para a mesma ser validada. O universo socialmente definido está relacionado com a organização social que permite aos definidores realizarem suas definições. De maneira grosseira, recorre às conceitualizações historicamente acessíveis da realidade, do abstrato “O que? “ e do sociologicamente concreto ”Diz o que?”. Valendo-se do pragmatismo da vida cotidiana. Os peritos nesse campo rarefeito de conhecimento, pretendem adquirir. Assim, para os autores, produtos históricos construídos pela atividade humana, modificam-se com o tempo e através da sociedade. Em dado momento, no qual constituem maneiras mais específicas de conhecimento e nasce disso um excedente econômico, surgem os peritos. E os mesmos, passam a dedicar tempo integral às teorias, afastando novo *status* e ter suprema jurisdição sobre determinado assunto.

Berger e Luckmann (1985) explicam, que atingido esse estágio de conhecimento resultam consequências, como a emergência da teoria pura pelos peritos universais que possuem certo nível de abstração, relacionado às transformações da vida cotidiana. Juntamente com o fortalecimento do tradicionalismo na institucionalização e sua forte tendência à inércia. Sobre isso:

O hábito e a institucionalização limitam por si mesmos a flexibilidade das ações humanas... As pessoas fazem certas coisas não porque dão resultado, mas porque são certas - isto é, certas em termos das supremas definições da

realidade promulgadas pelos especialistas no universal. O surgimento de um pessoal em regime de tempo integral para a legitimação da conservação do universo também traz consigo a ocasião de conflitos (BERGER E LUCKMANN, 1985, p.153).

Os possíveis conflitos mencionados acima, segundo os autores, podem ser de especialistas com profissionais, devido aos primeiros julgarem conhecer o significado supremo da atividade dos profissionais melhor do que eles mesmos. Dado acontecimento fomenta uma rebelião dos “leigos”, pode trazer novas versões da realidade e o surgimento de novos peritos.

A obra argumenta que as definições de realidade, além da teoria pura, podem ser reforçadas pela polícia e pelos peritos, ou seja, além do simples argumento, os peritos convocam a força armada para vencer seus competidores e atingir seus objetivos. Pois na sociedade, o poder está relacionado com determinar os processos decisivos de socialização e de produzir realidade. Por conseguinte, teorias altamente abstratas são suportadas mais pelo significado social do que pelo empírico.

Contudo, como estudamos nessa seção, todas as atividades de legitimação e as atividades para a conservação da mesma são produtos do dinamismo social, ou seja, conteúdo de suma importância para compreender o funcionamento da sociedade, política e cultural. A Cultura está diretamente ligada ao estudo das formas simbólicas presentes na sociedade. Em Ideologia e Cultura Moderna, Thompson ao adiantar sobre o difícil consenso acerca do conceito de Cultura, explica que

a vida social não é, simplesmente, uma questão de objetos e fatos que ocorrem como fenômenos de um mundo natural: ela é também uma questão de ações e expressões significativas, de manifestações verbais, símbolos, textos e artefatos de vários tipos, e de sujeitos que se expressam através desses artefatos e que procuram entender a si mesmos e aos outros pela interpretação das expressões que produzem e recebem... Como expressões significativas de vários tipos são produzidas, construídas e recebidas por indivíduos situados em um mundo sócio-histórico. (THOMPSON, 1990, p. 165)

Assim, a Cultura e toda a sua estrutura significativa e simbólica para os indivíduos e para a sociedade, abrange processos de legitimação. A Cultura dentro de contextos sociais estruturados é legitimada por processos tal como a Ordem, o conceito de Legitimidade Cultural por Bourdieu (2007) teoriza sobre.

Pressuposto da noção de legitimidade cultural

A Teoria da Legitimidade Cultural proposta por Bourdieu (2007) nos ajuda a compreender o posicionamento da produção cultural das classes periféricas, no sistema dominante da cultura. Para o teórico, numa sociedade de classes, dentre a pluralidade de culturas, prevalece, nítida e naturalizada, a supremacia da cultura da classe dominante. E, como consequência, a desvalorização das demais.

De acordo com a Teoria, o processo de legitimidade é viável através da constante criação de critérios para valorização e manutenção da hierarquia dos produtos culturais. Os estudos apontam que, a classe dominante além de impor sua cultura, valora as outras. Sendo assim, a exclusão da periferia, não se justifica por ser de periferia, e sim, por não ser artigo dominante. Para o autor as diferenças econômicas são duplicadas pelas diferenças simbólicas, de acordo com o pensamento

Tentar apreender as regras do jogo da divulgação e da distinção segundo as classes sociais exprimem as diferenças de situação e de posição que as separam, não significa reduzir todas as diferenças, e muito menos a totalidade destas diferenças, a começar pelo seu aspecto econômico, as distinções simbólicas, e muito menos, reduzir as relações de força a puras relações de sentido. Significa optar por (...) um perfil da realidade social que, muitas vezes, passa despercebido, ou então, quando percebido, quase nunca aparece enquanto tal. (BOURDIEU, 1974: 25)

Os critérios de validação segundo o autor são impostos pela classe dominante, partindo dessa premissa, apenas as classes mais elevadas poderiam desfrutar da real cultura, da chamada erudita, pois só eles, elas e suas respectivas famílias, dispõem de recursos e de capital intelectual para produzi-la, sem preocupar-se com preços, retornos, e somente os mesmos têm propriedade para real apreciação. Para Bourdieu (2007), o que mantém esse sistema vivo é o poder de auto-legitimação das classes mais elevadas.

A Teoria explica que a cultura popular, tida como vulgar e bárbara no discurso majoritário dos burgueses, no entanto, existe para a erudita existir, marcando distinção com a legítima. A reverência da classe média para, com produtos culturais da classe dominante, e a adaptação de gostos, para os mais elitizados, comprovam a legitimidade, a aceitação e a tradução dessa ordem na área cultural.

Com o aumento mais do que significativo do fluxo de informações, com as desmedidas transformações na maneira como nos comunicamos em sociedade, e com a

pluralidade de ordens, ocorre novo enquadramento do cenário antes descrito. Para França e Prado

O “fenômeno” da nova visibilidade da cultura de periferia não pode se traduzir (se reduzir a) um “ganho” advindo da mídia, um lance de marketing para lançar mais um produto no mercado. Ele deve ser compreendido como uma disputa por um lugar simbólico e pela reelaboração discursiva do lugar social ocupado pelos grupos periféricos (FRANÇA E PRADO, p.8, 2010)

O sociólogo francês, seguiu duas décadas a favor da hegemonia, e ao pensamento, de que a classe dominante assegura que algumas instituições, como a família, a escola, e a igreja, garantem a manutenção da ordem e da hierarquia. Após sua morte, pontuam vários obstáculos sobre a seus critérios de legitimação e valorização de produtos culturais. Para outros autores, o equívoco está em se estabelecer uma equivalência entre classe e homogeneidade de gostos. De acordo, com B. Lahire (2006), por exemplo, os gostos culturais não estariam calcados na legitimidade social, e sim, em preferências individuais. Para ele são encontradas variações individuais significativas, entre membros da mesma família.

Na contemporaneidade, graças as alternativa de mídia, as produções e a circulação de produtos culturais, tem sido mais diversificada, produções periféricas, como a raiz do Rap, no Brasil e no mundo, ganham mais compositores e seguidores. Contudo,

Diversos fatores se somam, estimulando esse questionamento: a visibilidade midiática, mas também as possibilidades de circuitos periféricos e alternativos de circulação cultural, a formação de redes de sociabilidade ampliadas, o avanço na cena pública de novos sujeitos sociais em busca de espaço e legitimidade. Tal cenário assinala um panorama de diversidade cultural e a convivência de critérios de valorização diferenciados. O monopólio da atribuição de critérios de legitimidade pela classe dominante e o estabelecimento de uma ordem hierárquica única se vêem substituídos por uma pluralidade de critérios e, mais ainda, por uma pluralidade de ordens (GLEVAREC apud FRANÇA E PRADO 2010).

Multiplicidade de produtos, pluralidade de ordens, visibilidade e diversidade- explica a grande circulação na mídia, e a diversidade de produtos culturais oriundos de uma cultura popular, inseridos nos costumes de diferentes classes, constituindo o cenário que se insere o Rap brasileiro, hoje. Essa cultura, historicamente já tratada como “não-cultura”, hoje ganha mais espaço.

O rap como processo de legitimação

O rap é um dos pilares do movimento hip hop, o gênero musical é oriundo dos guetos de Nova Iorque, de comunidades pobres constituídas de imigrantes jamaicanos e latinos, unindo-os no universo afro-americano. Denunciar a pobreza, a violência, o racismo, o tráfico de drogas e a falta de saneamento foram os objetivos precursores do rap. Apesar de hoje possuir natural presença no Brasil, somente nos anos 90, passou a ter maior visibilidade no país com predominância na cidade de São Paulo. A sigla Rap é a abreviação de rhythm and poetry, que traduz-se ritmo e poesia.

Os rappers utilizam-se da música para descrever aspectos da vida cotidiana e das experiências reais que eles tem, e como estudamos, em sua origem aspectos da periferia. Segundo José Silva (1999), na composição do som, da bateria eletrônica, dos scratches e das sonoridades das ruas, o rap é a reordenação da música de origem afro através de processos técnicos contemporâneos em direção ao cotidiano. Sendo a transformação dos sons da rua através da sonoridade e da poética. E, mais do que em qualquer outro gênero, ao analisar as letras, o contexto sociológico tem sido expresso, como poética e como discurso que incorpora musicalmente a vida urbana.

A música que se constitui não é reflexo deste universo, mas linguagem que reelabora de forma crítica a autoconsciência do processo social. O rap reafirma visões de mundo, posições políticas, dentro das quais os indivíduos desenvolvem sua praxis. As músicas registram não apenas os fatores estruturantes nos quais os indivíduos estão se movendo, mas é também uma tomada de consciência, uma referência simbólica orientadora das ações no sentido de reagir positivamente ao processo social em curso (J. C. G. SILVA, 1999, p.200)

José Silva (1999), situa a produção musical do rap em termos diacrônicos. O primeiro, 1987-1990, foi o qual as experiências culturais das ruas e os bailes black começaram a ser registradas pela indústria. Época experimental, na qual o setor das independentes ainda estava concretizando-se. De 1991-1994, foi a fase marcada pela diversificação no rap e pela busca de profissionalização por parte dos rappers, isso através do registro dos sons e da mercantilização. O período de 1995-1996 foi crítico devido às muitas restrições por parte do mercado. No entanto, 1997, marca uma nova fase com o lançamento do disco Sobrevivendo ao Inferno dos Racionais MC's que alcança vendas até então impensáveis para o rap nacional.

Para o processo de legitimação do rap, 1997 foi um ano crucial, o disco dos Racionais MC's ganhou o prêmio MTV e passa a ter o reconhecimento do status que da MPB sendo reproduzido na voz de outros artistas. Assim, novo ciclo inicia-se para o rap e com emergência de gravadoras independentes. A independência poupa os rappers de negociarem sua produção com os empresários que gerenciam o mercado, deixando sua arte mais livre. Com o passar do tempo, os artistas foram entendendo isso e foram consolidando seus próprios selos e gravadoras.

Hoje, temos um dos rappers mais relevantes da cena: Baco Exu do Blues, assim é conhecido artisticamente Diogo Álvaro Ferreira Moncorvo. A “999” é sua gravadora independente. O jovem de 23 anos, baiano de Salvador, vem conquistando seu espaço no rap fora do eixo Rio de Janeiro e São Paulo. E mais importante, trazendo representatividade aos seus semelhantes, sendo ele exemplo e trazendo em suas letras personalidades importantes para a comunidade preta.

A figura de Baco transpira resistência e representatividade, desde o nome escolhido para intercambiar a sua arte. Em entrevista a Lázaro Ramos no programa Espelho, explica que o nome surgiu em conversa com um amigo mais velho, na qual foi dito que Diogo não era um bom nome para MC e que estes precisam ter um nome legal. Baco é um nome significativo para o jovem. E Exu do Blues foi um nome de uma música, feita no início dos trabalhos em uma época que o jovem descreveu-se como “extremamente ignorante”, pois na letra ele afirmava que não necessitava de um contrato com a encruzilhada para ser o melhor no que faz, expressão carregada de preconceito com religiões de matriz africana. Contudo, ao riscar a letra, o jovem advento de família católica, conta que enxergou uma divindade negra e isso mudou tudo para Baco Exu do Blues. Conta que com 16 anos, entendeu, sentiu, que “o negro não estava conectado a algo de todo o ruim”.

Ao explicar sobre a origem de seu nome artístico na entrevista, o compositor traz o cerne de como o racismo é institucionalizado. Recorda as vezes que entrou em uma Igreja Católica e observou que todos os santos e mais o Salvador eram brancos. Ele revive o momento em que desatinou, ao entender que ele, homem preto, também foi toda a vida condicionado a ser racista. Ao entender que Instituições propagam a superioridade das raças, a igreja e a escola propagam o racismo. Com isso, ainda muito jovem, o artista passou a ter nova postura, a qual condiz com a que tem hoje e é traduzida nas letras de suas músicas.

Baco ganhou os holofotes a primeira vez com o single “Sulícidio”, no qual ele surge com Diomedes Chinaski, rapper pernambucano, com uma letra que critica a centralização da produção cultural do gênero no Sul do país. A cidade São Paulo está diretamente ligada a produção de rap desde o princípio, como vimos no processo de Legitimação do mesmo.

O single é composto de ofensas nominais direcionadas a rappers específicos, de partes enaltecendo o Nordeste e criticando a polarização do Rap Br. Baco Exu do Blues sabendo o que vende, fez “Sulícidio” para abrir caminho para suas produções e de seus semelhantes. O rapper não foi o primeiro a buscar essa oportunidade, sabendo que de maneira tranquila ela não foi concebida, ousou. Com esse som, Baco inicia sua trajetória na mídia. O compositor afirma que para atingir seu objetivo, a única preocupação no single era a de ofender. Segue trecho:

Sem amor pelos rappers do Rio
Nem paixão por vocês de São Paulo
Vou matar todos a sangue frio
E eu tenho caixão pra caralho
Minha lírica, cítrica, implica e complica e aplica.
(Baco Exu do Blues, 2017)

Em setembro de 2017, Diogo lançou seu primeiro Ep Esú, esse eleito o 5º melhor disco brasileiro de 2017 pela revista Rolling Stone Brasil. O Ep fala sobre a fragilidade humana diante do divino. Na obra, ele utiliza-se da composição para falar sobre a depressão, momento delicado e dolorido na vida do ser humano. O jovem afirma que demorou para reconhecer e aceitar que estava com a doença. Contudo, o disco é uma ponte entre o problema, a fé e o amor e transmite tal força.

Em entrevista com Lázaro Ramos, ele fala sobre estereótipos e o papel que a sociedade espera que ele desempenhe como homem preto, é esperado que ele seja um homem forte, inabalável. Entende que falar de suas fragilidades, falar sobre amor não é esperado pelos demais. Ao ser questionado sobre o seu Eu e a maneira que exprime sua arte e sobre a sua jornada pela sua voz artística, argumenta:

“eu descobri minha voz artística no momento que eu vi que eu não me enquadrava em lugar nenhum e que eu estava preso em uma caixinha, o Bluesman esse do álbum é muito importante pra mim por causa disso, porque foi o momento onde eu tive coragem de falar coisas que eu tive medo de falar minha vida inteira, dessa situação de eu me enquadrar num lugar onde as pessoas esperam que eu faça certas coisas e eu tenha vergonha de não fazer essas certas coisas... você tem que fazer isso, você tem que fazer aquilo, tem que fazer aquilo outro porque você é preto, isso me

incomodou bastante, então comecei a tentar a pegar uma rota de fuga”.
(Baco Exu do Blues para o programa Espelho, 2019)

“Bluesman” é seu segundo Ep, aclamado pela crítica, ganhou primeiro lugar de melhor disco do ano pela Rolling Stone em 2018, acima da consagrada Elza Soares com “Deus é Mulher”. É uma produção artística que une fotografia de Helen Salomão, poetisa e fotógrafa baiana, a artista capta através de suas lentes a essência do que é ser Bluesman, a beleza e a luta do que é ser preto e preta, hoje e na ancestralidade. O Blues é um ritmo musical oriundo das mãos de negros escravos, no final do séc XIX nos Estados Unidos. Todo audiovisual transmite a essência do que é ser bluesmen, originalmente homens que lutavam pela sua identidade e pela capacidade de direcionar sua própria arte e vida. O ep é composto de nove faixas ilustradas, além de um audiovisual. Trecho da faixa 1, a mesma leva o nome do ep:

“Eu sou o primeiro ritmo a formar pretos ricos
O primeiro ritmo que tornou pretos livres
Anel no dedo em cada um dos cinco
Vento na minha cara eu me sinto vivo
A partir de agora considero tudo blues
O samba é blues, o rock é blues, o jazz é blues
O funk é blues, o soul é blues
Eu sou Exu do Blues
Tudo que quando era preto era do demônio
E depois virou branco e foi aceito eu vou chamar de Blues
É isso, entenda
Jesus é blues”
(Baco Exu do Blues, 2018)

Em toda sua obra Baco Exu do Blues sob uma ótica contemporânea nos ensina a pensar e construir o papel do negro na sociedade. O que é ser negro? O que é ser Nordestino? A magnitude vem da complexidade do artista precursor, dos artistas participantes, da fotografia e da mistura de melodias. Contudo, aos críticos e amantes é uma música para sentir.

A faixa 4 de “Bluesman” é a música Minotauro de Borges, mistura mitologia, religião e psicologia. Minotauro sinônimo de monstruosidade e anomalia, monstros internos, aceitação do próprio corpo, supremacia branca no catolicismo, nos museus, em protesto e reflexão a letra:

“Dizem que o céu é o limite
Eles se perguntam: Porque esse negro não cai?
Fiz roda punk com os anjos

Pintei o Éden de preto
(...)
Museus estão a procura de mármore negro
Pra fazer uma estátua minha”
(Baco Exu do Blues, 2018)

O artista abrange diversos conflitos mentais nas faixas, relacionados a luta de afrodescendentes pela busca de saúde mental numa sociedade extremamente racista. E o disco é todo desenhado para fortalecer a luta do artista, de seus semelhantes, nordestinos e pretos, de tal maneira que procura fugir do estereótipo para alcançar a liberdade. Como vimos, em sua entrevista a Lázaro Ramos, Diogo evidencia o momento divisor de águas em que ele entendeu como funcionava o sistema e a importância disso em sua vida. As Instituições incitam o racismo. É a força vertical, de cima para baixo, que existe para que os interesses de uma minoria branca e burguesa estejam assegurados.

Baco através de sua existência e de sua arte propaga o seu propósito e incita a reflexão: “Por que aprendemos a odiar os semelhantes”, “Autoestima pra cima meu cabelo pra cima”, “Eu sou a porra do Mississippi em chama, eles têm medo pra caralho de um próximo Obama”, “Jovem Basquiat, meu mundo é diferente, eu sou um dos poucos que não esconde o que sente”, “Virei imortal ao aceitar, minha pele e prata”. O compositor se concentra em trazer o protagonismo de pessoas importantes para a comunidade. Libertar através da arte. Sabendo que manter-se em pé e saudável num sistema que não te ajuda em nada é tarefa difícil, requer muito amor próprio.

Desde Emicida e Criolo o Rap Br tem novo público e um engajamento diferente na busca pela representatividade. E agora Baco Exu do Blues chegou pra somar e ficar, como vemos na qualidade dos trabalhos desenvolvidos. Colocar-se no topo, servir de exemplo como o melhor, falar sobre a aceitação de sua cor, falar dos seus traços como o mais bonito que há, trazer a representação é de extrema importância para a mudança.

O artista parece saber como se manter nos holofotes, falando de amor e dor, falando de resistência e sendo a própria resistência. Diogo Moncorvo, 23 anos, soteropolitano, parou de estudar na sexta série para buscar o seu lugar no mundo, homem preto e vive de música. Se encaixa em estereótipo também, mas mostra que há possibilidade de sermos o que quisermos. No Espelho afirma “acho que ainda não encontrei, minha voz artística”, acredito que por isso sua arte comunica pluralidade de vieses.

Em entrevista à Rolling Stone, Diogo explica que a aceitação vem pela “validação da mídia”. O rapper obtém essa validação com diversos trabalhos premiados, de melhor disco do ano com Bluesman, artista revelação Prêmio Multishow 2017, melhor canção do ano com “Te amo Disgraça”, no Prêmio Multishow 2018. Como explica Bourdieu (2007), os processos de validação dos produtos culturais são escolhidos pela classe dominante. Portanto, observamos uma mudança contemporânea nos padrões da cultura popular.

Considerações finais

A partir desse estudo refletimos sobre as representações identitárias dos negros e nordestinos no rap, gênero o qual está sendo analisado como processo de legitimação. Estamos falando de mudanças relevantes no cenário brasileiro. Como o Prêmio Multishow dos últimos anos, artistas que se destacaram no underground, como **Baco Exu do Blues** e a Anelis Assumpção foram premiados. O Superjúri do prêmio, “um time de especialistas formado por jornalistas, críticos, músicos e profissionais da indústria fonográfica”, segundo Bourdieu os peritos, legitimam novo espaço. (Cultura; O Estado de S. Paulo, 2018)

Conforme o texto, sabemos que o hábito e a institucionalização limitam a trajetória da humanidade. Através da legitimação cognoscitiva e normativa a sociedade enxerga a sua realidade. Durante muitos anos, e ainda hoje, o universo simbólico criado pela Ordem desvaloriza os descendentes de escravos, ocultando nossa história e valorizando seus interesses burgueses. Contudo, com a rebelião dos leigos, surgem novos peritos e conseqüentemente, novas realidades legitimadas. Baco Exu do Blues com um discurso coerente, promete resgatar história e construir uma realidade mais amena aos semelhantes. A Arte é de extrema importância para transformar realidades.

Referências

- ANTUNES, Pedro. **Rolling Stone Brasil: os 50 melhores discos nacionais de 2018**. Rolling Stone, 21 de dez. de 2018. Disponível em: <<https://rollingstone.uol.com.br/noticia/rolling-stone-brasil-os-50-melhores-discos-nacionais-de-2018>>. Acesso em: 25 de abril de 2019.
- BERGER & LUCKMANN. **A Construção social da realidade**. Petropolis: Vozes, 1980. (bibliotecas UFSM e Gabinete de Leitura)
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. PASSERON, Jean-Claude. **Les héritiers: les étudiants et la culture**. Paris: Éditions Minuit, 1964.
- Canal Brasil. **Baco Exu do Blues e Lázaro Ramos | Espelho**. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ghzaX-NteLI&t=442s>>. Acesso em: 22 de abril de 2019.
- FRANÇA, Vera V. PRADO, Denise Figueiredo Barros do. **Produções Culturais de periferia: Legitimidade e tensões**, 2010 . Disponível em: http://compos.com.puc-rio.br/media/gt2_denise_figueiredo_barros_do_prado_vera_franca.pdf
- GLEVAREC, Hérve. **La fin du modele classique de la légitimité culturelle**. In MAIGRET, E. MACÉ, E. (orgs). *Penser les médiacultures. Nouvelles pratiques et nouvelles approches de la représentation du monde*. Paris: Armand Colin, 2005. (p.69-102)
- MARTINS, Bárbara. **Baco Exu do Blues e as imagens que ilustram as músicas de 'Bluesman'**. Reverb, 13 de dez. de 2018. Disponível em: <<https://reverb.com.br/artigo/baco-exu-do-blues-e-as-imagens-que-ilustram-as-musicas-de-bluesma>> Acesso em: 20 de abril de 2019.
- SILVA, José Carlos Gomes da, **Rap na cidade de São Paulo: música, etnicidade e experiência urbana**, 1998.
- THOMPSON, JOHN B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica: na era dos meios de comunicação de massa**, 1995. Petrópolis, RJ.